

A escrita acadêmica sobre o diabo: o mal ao longo dos séculos

*José Eduardo Oliveira Nascimento*¹

Resumo: O presente artigo é um levantamento bibliográfico sobre trabalhos acadêmicos. Assim, nosso objetivo com este artigo foi analisar, por meio de revisão bibliográfica, as representações sobre o diabo ao longo dos séculos. Primeiramente, debatemos brevemente a questão da demonologia como área que estuda as representações diabólicas. Esse campo historiográfico nos dá o suporte necessário para continuar, com segurança o nosso estudo. Além disso, identificamos os possíveis conceitos sobre o diabo e suas tipologias construídas ao longo dos séculos. Assim, apontamos as principais contribuições de determinadas religiões para a formação de um conceito específico sobre o diabo e o seu papel em determinados contextos históricos. Nesse sentido, percebemos que o diabo não tem uma essência intrínseca em si mesmo, mas, na verdade, é um “ser” cujo papel é o resultado de inúmeras bricolagens religiosas. Desse modo, observamos, através dos trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses) as principais correntes religiosas que contribuíram para a construção do diabo como conhecemos hoje. Assim, o diabo configura-se como um “ser” heterogêneo e adaptável aos diferentes contextos históricos. Desse modo, a escrita acadêmica averiguada representa o diabo como um “ser” de múltiplas faces.

Palavras-chave: História. Religiões. Demonologia. Representações. diabo.

Abstract: The present article is the result of my monographic research to complete the course of Full Degree in History. Our objective with this work was to analyze, through a bibliographical revision, the representations about the devil throughout the centuries through the academic studies in the scope of historiography. First, we briefly discuss the issue of demonology as an area for studying diabolical representations. This historiographical field gives us the theoretical support necessary to remain secure in view of our objective in this article. In addition, we analyze the possible concepts about the devil and its typologies that were built over the centuries. Thus, we comment on the main contributions of various religions to the formation of a specific concept about the devil and its role. In this sense, we realize that the devil does not have an intrinsic essence in himself, but, in fact, it is a "being" whose role is the result of countless religious bricolages. In this way, we observe, through the academic works (articles, monographs, dissertations and theses) the main religious currents that contributed to the construction of the devil as we know it today. Thus, the devil is configured as an extremely heterogeneous "being" and adaptable to the current historical context.

Keywords: History. Religions. Demonology. Representations. devil.

The representations of the devil: evil over the centuries

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História Pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: edumetal18@gmail.com

O começo: a construção do diabo cristão

Antes de debatemos as nuances do tema proposto no artigo, se faz necessário esclarecer e contextualizar em que área de estudos ele se enquadra, pois o tema em questão demanda cautela, principalmente, por debater questões sensíveis de cunho religioso que, mesmo no âmbito da pesquisa acadêmico, ainda se configuram como tabu. Dito isso, a área de pesquisa do presente artigo remonta desde período medieval, obviamente, com mudanças de perspectivas e objetivos. Ainda sim, a discussão que propomos aqui, identificar as representações do diabo através de nossa revisão bibliográfica, faz parte de uma serie de estudos e pesquisas conhecida como demonologia. Sobre isso, Laura de Mello e Souza (1993) comenta que

(...) desde o século XIV o pensamento erudito europeu via-se às voltas com a ameaça de coortes demoníacas, formulando seus temores num corpo doutrinário que ficou conhecido como demonologia. (...) A demonologia é hoje vista como um campo complexo do conhecimento relacionada com o surgimento do moderno pensamento científico, voltado para a investigação acerca da causa dos fenômenos. (SOUZA, 1993, pág.23-24)

Desse modo, temos uma base de estudos acadêmicos no âmbito da historiografia e, também, de outras áreas das chamadas ciências humanas, que nos dá o suporte necessário para prosseguirmos com nossa pesquisa. Um desses trabalhos acadêmicos é o de Marcos Renato Holtz de Almeida (2008, pág.25) que nos alerta: “o conceito do diabo partindo do princípio que ele é definido em termos da tradição das percepções do diabo.” Portanto, o mais correto é tratar o diabo, ou melhor, seu conceito, não como algo acabado em si mesmo, mas como percepções que dependem fundamentalmente do contexto histórico e dos agentes inseridos numa conjuntura.

Assim como todos os mitos construídos nos diferentes âmbitos culturais, o mito do diabo tem sua própria lógica, sua racionalidade. Sua existência não ocorreu por acaso, foi o fruto de determinados fatores que convergiram para seu “nascimento”. Nesse sentido, Carolina Rocha Silva (Apud MINOIS 2013, pág.22) cita que “o diabo é um ser de razão. Não se trata de uma criatura irracional. Pelo contrário, é fruto dos esforços do espírito humano para encontrar uma explicação lógica para o problema do mal.” Portanto, o diabo exerce uma função sobre um problema mundano, ou seja, o problema do mal. Para compreendermos

melhor essa função do diabo no mundo e, como ela surgiu, vamos recorrer a Almeida (2008) quando diz que

Nas sociedades da Antiguidade – tais como os povos da mesopotâmia e os povos do mediterrâneo – surgiram diversas divindades ou espíritos com tendências ambivalentes que possuíam como atributos o poder de fazer o mal, porém essas mesmas divindades também tinham em suas características aspectos positivos e, desse modo, também eram capazes de fazer o bem. (ALMEIDA, 2008, pág.21)

Assim, o diabo foi desenvolvido como uma ferramenta para explicar as mazelas da vida humana e construir significados para as mesmas. Portanto, dependendo do contexto histórico, podem existir diferentes maneiras de representar o mal. Agora, compreendendo melhor essa questão, vamos expor uma breve tipologia sobre o diabo, com base nos trabalhos acadêmicos revisados para este artigo e, assim, identificar, dando ênfase no papel do Cristianismo, os principais conceitos e representações ao longo dos séculos.

(1) O “diabo” no Zoroastrismo

Nos trabalhos analisados, um dos aspectos mais frequentes e debatidos sobre a gênese do diabo foi sua ligação com os mitos do Zoroastrismo. Um ponto interessante em relação ao Zoroastrismo é a maneira ambígua como representam suas divindades. Nesse sentido, atribuíam características tanto negativas como positivas para tais deuses, ou seja, diferente do diabo cristão que conhecemos hoje, essas divindades tinham um caráter ambivalente (ALMEIDA, 2008). Então, porque na mitologia cristã existem forças opostas, deus e o diabo, que representam respectivamente o bem e o mal? Como ocorreu essa metamorfose que possibilitou o surgimento de entidades opostas? Segundo nos conta Carlos Roberto F. Nogueira (2000)

A doutrina de Zoroastro baseava-se num permanente conflito dos princípios gêmeos do Bem e Mal (...) O masdeísmo fornecerá o pano de fundo dualista que libertará o Demônio no pensamento judaico e possibilitará, através da assimilação da crença em espíritos benéficos e maléficis, a composição de uma hierarquia angélica, transformando os anjos, anteriormente símbolos da manifestação divina, em entidades autônomas. (NOGUEIRA, 2000, pág.18-19)

Desse modo, foi fundamental o contato com o masdeísmo² e, também, com outras crenças que circundavam a região, assim, influenciando, posteriormente o pensamento religioso judeu em relação à existência de forças opostas. Nesse sentido, Zoroastro exerceu um papel revolucionário na história das religiões monoteístas, pois, sua doutrina foi primordial para existência da dualidade entre bem e o mal (ALMIDA, 2008). Portanto, Deus não estava mais sozinho no universo, mas existiam, também, forças cósmicas que representavam especificamente o mal. Entretanto, o diabo cristão ainda estava longe de nascer e, segundo Almeida (2008, pág.24), “A concepção de mal aliada à sua personificação em uma divindade são fatos recentes na história das religiões.”

(2) O “diabo” no judaísmo

Outro elemento fundamental para concepção mais definida sobre o diabo foi a religião judaica. Sobre isso, Almeida (2008, pág.29) nos diz que “(...) a doutrina teológica dos judeus rejeita qualquer conceito de um ser cujo mal esteja personificado. Para os rabinos, a idéia do Diabo é somente um símbolo da tendência para o mal inerente aos seres humanos.” Nesse sentido, a existência de seres malignos já era conhecida pelos judeus, mas seu papel era secundário, bem diferente do poderoso inimigo de Deus que surgiu séculos depois no mundo cristão medieval.

Para Almeida (2008, pág.30) a importância do conceito e as representações desenvolvidas pelos judeus sobre o diabo se dá por “legar ao Cristianismo uma já elaborada e sistematizada ideologia e teologia diabólica. Os Pais da Igreja a recuperaram para definir a função do Diabo no mundo após o advento do Cristianismo.” Assim, o Judaísmo é peça essencial desse “quebra-cabeça” milenar, que explica uma parte significativa da história do diabo.

(3) O diabo do cristianismo

Apesar da inegável influência das crenças anteriormente citadas, nenhuma dessas religiões moldou tanto o pensamento ocidental sobre esse mito do diabo como o cristianismo. Nas palavras de Almeida (2008, pág.33) “(...) foi o cristianismo que elaborou mais sistematicamente ao longo da história o conceito do Diabo. O papel atribuído a esse personagem na teologia cristã é fundamental para a própria possibilidade do cristianismo se

²Doutrina desenvolvida por Zoroastro na qual o “deus (Ahura Mazda) era o criador benevolente de todas as coisas, soberano do universo, contudo o mal no mundo não era obra dele e sim do Espírito Destrutivo (Angra Mainyu ou Ahriman), governante do inferno e oponente de Deus desde o princípio. No zoroastrismo, o mundo é um campo de batalha, as forças do bem e do mal estão em constante combate. (ALMEIDA, 2008, pág.26-27).

estruturar como uma religião (...)”. Apesar disso, a figura do diabo, mesmo no contexto do cristianismo, nunca foi homogênea.

Na verdade, ela foi objeto de constantes discussões e debates nos primeiros séculos do cristianismo. Como mencionamos nos tópicos anteriores, isso ocorreu porque o diabo chegou até os primeiros cristãos através de retalhos de mitos da mesopotâmia. Desse modo, a nascente igreja cristã deveria reunir e sistematizar a figura do diabo, pois nem mesmo as escrituras sagradas do Judaísmo ofereciam um conjunto homogêneo de interpretações. Sobre isso, Gleice Marques Gonçalves (2014) cita

(...) há um contraste marcante entre o Velho e o Novo Testamento: no primeiro, Deus é quase sempre cruel e voluntarioso, ao passo que no segundo ele é de uma natureza muito mais amorosa e compreensiva, apesar de ter alguns ataques ocasionais de fúria. A raiz desta dicotomia está no fato de que Jeová representa o bem e o mal no Velho Testamento, e que grande parte de sua função maligna foi deslocada para o Diabo no Novo Testamento. (GONÇALVES, 2014, pág.20)

Assim, essa interpretação maniqueísta foi o cerne do Cristianismo, definindo os dogmas da nascente igreja. Desse modo, um dos pontos principais para os primeiros cristãos era determinar a função do diabo no mundo. Esse foi um dos debates mais prolongados, durando até o período medieval. Sobre essa questão Almeida (2008) argumenta que

(...) essa tradição de pensamento demonológico foi elaborada pelos Pais da Igreja. Durante os primórdios da igreja católica a idéia do Diabo enquanto personificação divina do Mal era alvo de intensas discussões acerca de seu papel e origem. Nos primeiros séculos da era cristã as doutrinas e dogmas da igreja ainda não haviam sido totalmente elaborados. Isso ocorreu porque os textos que compunham os evangelhos ainda eram recentes, e além deles havia ainda diversos textos apócrifos relatando as origens do Diabo. Portanto, no início da era cristã havia diversificada quantidade de fontes que explicavam a origem de Satã e se fazia necessário aos Pais da Igreja uma apurada reflexão sobre o tema. (ALMEIDA, 2008, pág.24-25)

Como cita Almeida (2008), “havia diversificada quantidade de fontes que explicavam a origem de Satã”. Nesse sentido, podemos entender que as fontes selecionadas para a construção do diabo cristão, por parte da Igreja, têm intenção de ressaltar certas percepções religiosas, a fim de reforçar determinada crença. Assim, os debates mais acirrados sobre o papel do diabo duraram pelo menos até o século IV, quando começou a ocorrer algum consenso em relação à essência, características e função do diabo na cosmologia cristã. Nogueira (2000) comenta que

No primeiro século de nossa era, estabeleceu-se uma ligação explícita entre as crenças isoladas do judaísmo tardio: Satã, o anjo caído, incorpora-se na serpente do Jardim do Éden, sendo a serpente um disfarce adotado pelo diabo para levar a cabo sua ação maligna. (...) Este paralelo aparece pela primeira vez de modo acabado em alguns textos apócrifos do século I d.C., provenientes de meios cristãos (...). A vida de Adão e Eva, (...) relata minuciosamente o papel desempenhado por satã no pecado original. (...) Essa concepção da queda do anjo rebelde e do homem foi pelos padres da Igreja durante os séculos II e III e formalizada pela igreja grega; um pouco mais tarde, Jerônimo (340-420) e Agostinho de Hippona (354-430) implantaram a mesma ideia na igreja latina. (...) Desse modo, no fim do século IV, tanto no oriente como no Ocidente, os cristãos concordavam em que a queda do homem não foi mais que um episódio na História de um prodigioso combate cósmico (...) (NOGUEIRA, 2000, pág.28-29)

Entretanto, mesmo com consensos sobre o papel do diabo nessa batalha cósmica, algumas perguntas e relação à essência do diabo, seus poderes sobre os homens e sua “substância³” ainda eram questões que ocupavam os clérigos da Igreja. Sobre isso, Almeida (2008) nos diz que

As discussões acerca da origem do Mal avançaram paulatinamente durante os primeiros séculos da Era Cristã, de tal forma que os Pais da Igreja não consentiam numa explicação plausível que sustentasse e conformasse a todos. Assim, no século IV a. C. o foco do debate muda e deixa de abordar a essência do Mal para discutir, de fato, o papel do Diabo no mundo. (...) No entanto, durante a Idade Média (séculos V até o XV), a ideia acerca do Diabo passou por uma transformação profunda, arquitetada principalmente pela igreja católica. Nesse período, a Igreja se consolidava como uma instituição cujos interesses eram o de cuidar dos assuntos espirituais e de manter uma estrita relação com o poder secular, e assim permanecer como uma instituição atuante e com seus privilégios de classe. O Príncipe das Trevas entrava na cena política. (IDEM, 2008, pág.36-37-38)

Como podemos perceber através dessa citação, as principais características do diabo e o seu papel foram sendo construídas ao longo do período medieval. Foi nesse momento que ocorreu o desenvolvimento de um saber sistematizado sobre o diabo que, inclusive, foi importante para a própria Igreja católica se estabelecer enquanto instituição dominante no período medieval. Assim, entre os séculos V e XV o diabo foi uma figura que foi se moldando aos interesses da Igreja Católica, ganhando novas características e status, dependendo do contexto histórico.

Portanto, podemos perceber, através dos tópicos anteriores, que o diabo, como conhecemos hoje, é fruto de um longo processo histórico de séculos, e tentar defini-lo num conceito é algo bastante complexo e, talvez, impossível (GONÇALVES, 2014). Para Almeida

³A expressão faz referência aos debates sobre a hipótese do diabo ser um ser corpóreo ou apenas espiritual.

(2008, pág.21) “Desde os primórdios da humanidade o homem lida com o problema do mal. Sua existência sempre foi motivo de reflexão acerca do próprio ser. Daí surgiu a necessidade de identificar a origem do mal”. Nesse sentido, a representação do mal é algo quase inerente à existência humana, ou seja, o diabo é apenas mais uma das inúmeras formas de representar o mal. Gonçalves (2014) diz que:

Todas essas formas antigas de representação do Mal acabaram sendo unificadas para dar origem a um único ser: o Diabo. O cristianismo emerge das crenças e tradições judaicas: aceita as escrituras veterotestamentárias, as interpretações delas advindas e delas se apropria, na confecção do desenho do maligno. (IDEM, 2014, pág.32)

Selma Ferraz (2010, pág.03) corrobora com essa múltipla representação do diabo quando fala em seu trabalho que vai estudar “cinco momentos específicos: O Diabo na Bíblia, o Diabo e os Teólogos, o Diabo e os teóricos, O Diabo e a Literatura Ocidental e o Diabo em Machado de Assis.” É importante lembrar isso, pois as representações do mal que procuramos identificar é fruto do imaginário judaico-cristão.

Assim, o que nos importa aqui é esclarecer essa questão sobre a complexidade de análise das representações do diabo ao longo dos séculos. Pois, tentar enclausurar o diabo numa tipologia ou categoria específica, sem debater essas questões, é correr o risco de empobrecer uma discussão mais ampla e profunda, desse modo, perdendo vários possíveis pontos chave para problematizações.

Assim, com essa breve análise, identificamos as principais representações do diabo que foram observadas no acervo bibliográfico utilizado. Portanto, o diabo foi ao longo da história um mito que foi construído através de inúmeras bricolagens entre crenças e religiões de diferentes contextos culturais.

Vários nomes, vários rostos: algumas características do diabo cristão

Na primeira parte do artigo identificamos as principais crenças que contribuíram para formação do diabo cristão e, além disso, mostramos como o diabo é uma figura heterogênea e muito flexível, podendo ser usado para vários fins de acordo com os interesses de instituições legitimadoras de determinados períodos históricos. Assim, neste tópico, vamos analisar de maneira mais específica a figura do diabo em si, portanto, suas características mais regulares e, outros pontos importantes, que forma sua imagem no imaginário do mundo ocidental.

Dessa forma, identificamos a “rebeldia” como uma das características mais atribuídas ao diabo na bibliografia revisada. Sobre isso, Nogueira (2000) nos diz

(...) O demônio é o grande rebelde (...) O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natura contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso ciência e vida. (IDEM, 2000, pág.101-104)

Como podemos perceber, para Nogueira (2000) o diabo é o “grande rebelde”, o “espírito livre”. Nesse sentido, vale lembrar Jean Delumeau (2009) e seu “A história do Medo no Ocidente”, obra fundamental para compreendermos as transformações responsáveis por tornar o diabo na criatura que conhecemos hoje.

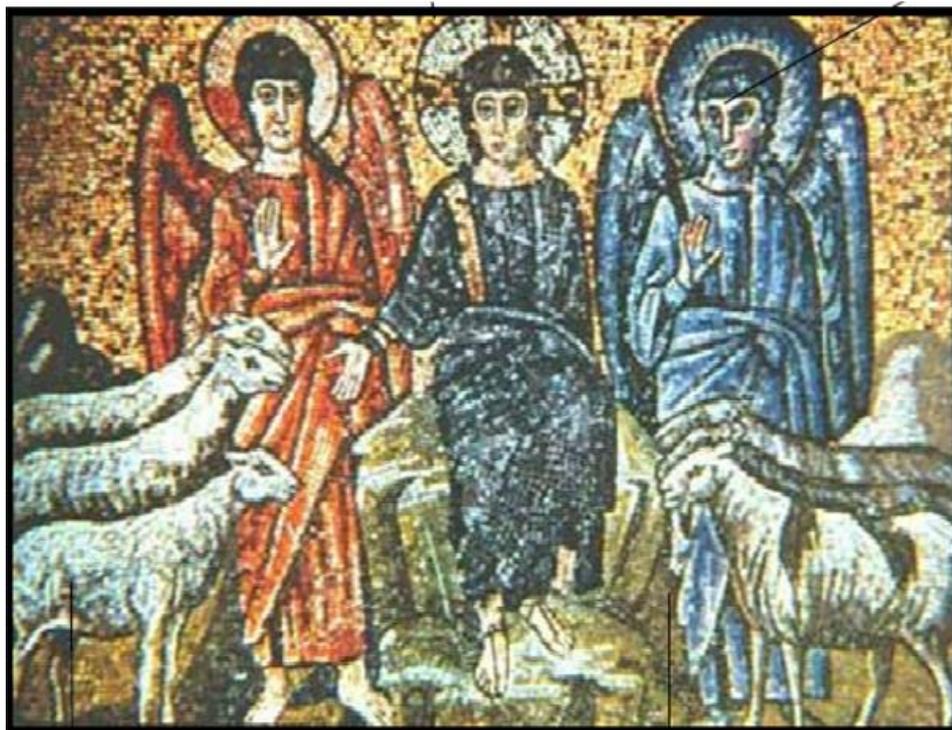
No livro, Delumeau (2009) aborda, em capítulos específicos, o medo que este ser, ora espiritual, ora físico, chamado diabo, transmitia para o imaginário da população da idade média até a idade moderna. Delumeau (2009) vai construindo sua narrativa, buscando elementos que possam elucidar por quais metamorfoses o diabo passou e, como, ao longo do período medieval, foi uma figura bastante flexível e até mesmo ambígua no imaginário europeu.

Portanto, para cada contexto histórico, poderia produzir novas imagens e representações construídas pelo medo que o diabo provocava. Assim, características físicas atribuídas ao diabo como, por exemplo, a cor, nem sempre foram às mesmas. Sobre isso Ganshoh (2010) argumenta que a cor escura, o preto, significa simbolicamente o mal. À ausência de luz estaria diretamente conectada ao diabo. Essa perspectiva é interessante, pois atualmente muitos associam a imagem do diabo à cor vermelha. Na verdade, a forma pictórica do diabo nunca foi precisa. Nesse sentido, Gonçalves (2014) cita que

Os estudiosos desdobram-se em esforços para descobrir por que inexistem representações do Diabo anteriores ao século VI. [...] A razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas. (IDEM Apud LINK, 2014, pág.93)

Nesse sentido, no início da Idade Média até o século XI as representações do diabo estavam no centro de um caldeirão com influências de mitos e interpretações que impossibilitavam a construção de um modelo pictórico hegemônico.

Figura 01. O diabo azul e a separação das ovelhas dos bodes, século VI.



Fonte: ALMEIDA, 2008. Pag.11.

O Historiador e crítico de Arte Alastair Sooke, no documentário “Como o Diabo tem seus chifres: um conto diabólico⁴”, produzido pela BBC, analisa o que seria a primeira representação pictórica do diabo do mundo ocidental. Ao contrário do pensamento contemporâneo, a cor que identifica o diabo é o azul, pois, segundo Sooke tal cor era associada à escuridão.

Assim, diferente do senso comum, onde o diabo tem na cor vermelha sua principal característica, o imaginário do início do medievo visualizava o diabo na cor azul. Sobre isso, Almeida (Apud RUSSELL, 2008, pág.11) também analisa citando que “(...) o anjo azul representa **a primeira aparição do Diabo**⁵ na arte pictórica cristã (...)”. Como podemos perceber, o vermelho só foi se estabelecer como cor hegemônica nas representações sobre o diabo na idade moderna. Até mesmo sua aparência é completamente diferente das imagens grotescas que fazem parte do imaginário atual. Sobre isso, Almeida (2008) argumenta que

Arte e teatro influenciam-se pelo menos no fim do século XII (...) O desejo de impressionar as audiências com fantasias grotescas pode ter encorajado o desenvolvimento do grotesco na arte, fantasias de animais com chifres,

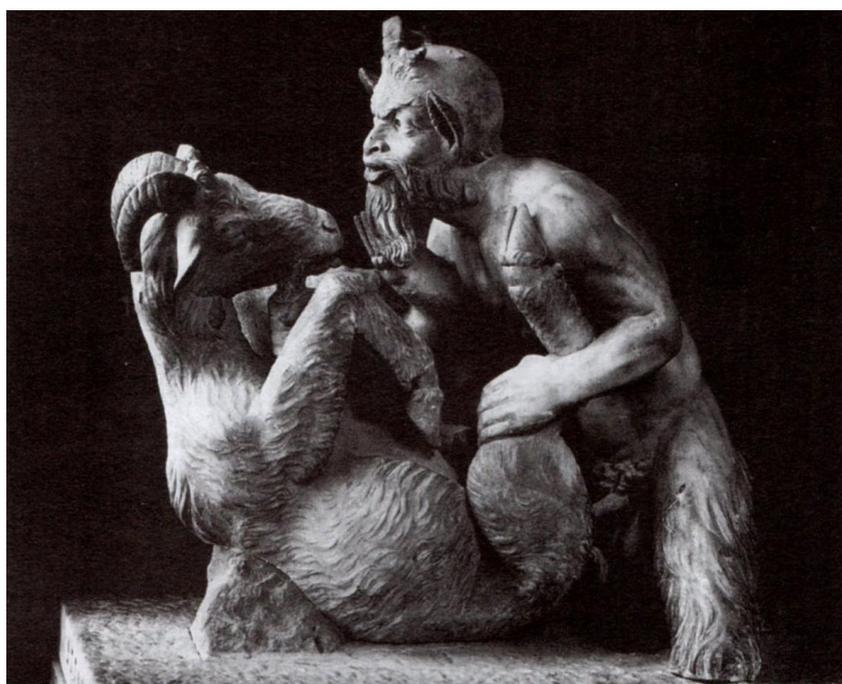
⁴Fonte: <<http://youtu.be/8O9zhimh6jE>> Acessado em: 05/11/2017.

⁵Grifo do autor.

rabos, presa, casco rachado e asas; fantasias de monstro, meio-animal e meio-humano; e fantasias com faces nas nádegas, barriga ou joelhos. Máscaras, luvas com garras e dispositivos para projetar fumaça pela face do demônio também eram usados. (IDEM, 2008, pág.94)

Para tanto, os tons mais escuros, como o azul e, principalmente, o preto, simbolicamente, representaram e representam, desde os primórdios do cristianismo, o território dos seres diabólicos. Outra característica marcante na construção de uma imagem hegemônica do diabo no período medieval foi sua relação com o bode. Observem

Figura 02. Estátua de Pã pertencente ao Museu Nazionale (Nápoles).



Fonte: GANSOHR, 2010, p.26

Nesse sentido, para Gansohr (2010, pág.25), são as características caprinas associadas na construção de uma “(...) representação pictórica (...) do Diabo é a sua fusão antropomórfica com o bode, emblema do que é animalesco no raciocínio dos demonólogos medievais.” Gansohr (Apud Chevalier, Gheerbrant 2010) completa citando que

(...) o bode simboliza a pujança genésica, a força vital, a libido, a fecundidade”. Por isso a sua associação pictórica do bode com o Diabo, deus do sexo: sendo um animal impuro, completamente absorvido por sua necessidade de procriar, torna-se signo de maldição. O bode é também um animal noturno e lunar, servindo de montaria ou oferenda sacrificial para

certos deuses do panteão grego como Dionísio, Afrodite e Pã. (IDEM Apud CHEVALIER, GHEERBRANT, 2010, pag.25)

Assim, a relação entre o diabo cristão e pã faz referências as representações medievais. Nas pinturas medievais, geralmente as características “pãiescas” são os cascos fendidos, rabo, orelhas pontudas, muitos pelos e, assim como o diabo, também era um ser das trevas, temido. Apesar de ser a fusão mais conhecida, não era somente com o bode que a figura do diabo era associada no período medieval. Além do bode, outros animais foram utilizados como, por exemplo, os morcegos.

Sim, morcegos! Segundo Delumeau (2009, pág.358) “(...) a iconografia demoníaca europeia dos séculos XV-XVI se avolumara com elementos originários do Oriente que haviam reforçado seu aspecto assustador. A China enviou assim ao ocidente hordas de diabos com asas de morcego e seios de mulher.” Além dessa influência da iconografia Oriental, Nogueira (2000) argumenta que

(...) como se tratavam de anjos caídos, as asas não poderiam ser de um pássaro que voa à luz do dia, e sim as de um morcego, que ama as trevas e, de um modo absolutamente diabólico, vive de cabeça para baixo. (IDEM, 2000, pág.67)

O morcego, por ser um animal de hábitos noturnos, também foi associado com o diabo, e emprestou partes de sua anatomia para representar as hordas demoníacas. Outro elemento que foi associado ao diabo no período medieval foi a mulher. Nesse contexto, a mulher era a porta de entrada para inúmeros demônios e, através do sexo, ela condenava os homens ao inferno. Essa foi uma das principais representações sobre as mulheres no período. Assim, com essa conotação sexual, surgiu um demônio feminino conhecido como súcubos. Segundo Nogueira (2000) e Richards (1993), respectivamente

Os *súcubos* (“os que se deitam por baixo”) eram demônios fêmeos que assaltavam os homens adormecidos, sob o aspecto de mulheres formosas, às vezes virgens, impelindo-os a quebrarem os votos de castidade ou, no caso de homens casados, a cometerem adultério. (NOGUEIRA, 2000, pág.51)

(...) pensadores cristãos encaram o sexo, na melhor das hipóteses, como uma espécie de mal necessário, lamentavelmente indispensável para a reprodução humana (...) A sexualidade, segundo os ensinamentos cristãos, era dada às pessoas exclusivamente para os objetivos de reprodução e por nenhum outro motivo. (RICHARDS, 1993, pág.34)

Portanto, o sexo, para os cristãos do período medieval, deveria ser exclusivamente para fins de reprodução, para gerar vida. Entretanto, o demônio fêmeo súcubus está pronto para o coito com o homem cristão e, ao contrário do sexo desejado pelo cristianismo, esse não vai gerar nenhuma vida. É isso que a súcubus representa. No sexo entre o homem e a súcubus só existe o prazer. Podemos concluir que a súcubus é a negação da moral cristã em relação ao sexo. Essa interpretação do diabo, como símbolo de liberdade sexual, começou a ganhar força no fim do período medieval, com nascimento da idade moderna. O romantismo foi o movimento artístico que caracterizou esse período e trouxe uma nova visão sobre o diabo. Sobre isso, Almeida (Apud Minois, 2008) comenta que

Libertados da tutela eclesiástica, os homens do século XVIII-XIX vão encontrar no Diabo a liberdade de expressão do espírito que outrora se encontrava reprimida. O Diabo passará a representar o espírito da época, será visto como “um Prometeu, o libertador do homem, o promotor da ciência e do progresso. (IDEM, 2008, pág.107)

Nesse período, o mito do diabo foi apropriado e transformado em um mito literário entre os românticos. A queda do anjo mais belo, Lúcifer, e sua transformação no grotesco diabo medieval, era uma tragédia que atraía os escritores românticos, que o transformaram em uma metáfora nas suas histórias. Segundo Nogueira (2000)

O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso, ciência, vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressas nas feições tradicionais do Diabo. (...) O Diabo passa a representar a rebelião contra a fé e a moral tradicional, representando a revolta do homem, mas com a aceitação do sofrimento porque este é uma fonte purificadora do espírito, uma nobreza moral, da qual só pode surgir o bem da humanidade. E o demoníaco torna-se o símbolo do Romantismo: demoníaco como paixão, como terror do desconhecido, como descoberta do lado irracional existente no homem: a explosão da imaginação contra obstáculos excessivos da consciência e das leis. (IDEM, 2000, pág.104-105)

Ou seja, essa interpretação do diabo como símbolo de liberdade não é nova, pois, desde os séculos XVIII- XIX a literatura o transformou num mito romântico contra as diversas opressões que o homem sofria no mundo moderno. Assim, podemos entender que o diabo do século XXI não é o mesmo diabo dos séculos XII – XVI, por exemplo. Através da nossa revisão bibliográfica identificamos algumas das principais representações sobre o diabo no âmbito da produção acadêmica, quais as crenças e religiões forma o tripé que deu suporte

para o surgimento do diabo e, além disso, averiguamos quais as principais características que são atribuídas a essa figura que, até hoje, continua provocando medo em milhões de pessoas no mundo ocidental.

Considerações finais

Durante a revisão bibliográfica, percebemos que as representações do diabo nos trabalhos acadêmicos são mais complexas do que imaginamos. O diabo, dentro da cosmologia cristã, é a representação do mal, o inimigo de Deus e seu opositor por excelência. Essa é a representação mais comum, porém, ela encobre muitas nuances em relação a essa representação. Ao revisarmos as nossas referências bibliográficas, ampliamos nosso campo de visão e observamos o diabo em termos de representações que vão continuamente se ressignificando.

Nesse sentido, buscamos, através dos estudos realizados nos artigos, monografias, dissertações, teses e livros, identificar as principais representações sobre o diabo. Desse modo, pudemos compreender que o diabo, diferente do senso comum, não é um “ser” fruto de um imaginário irracional, ao contrário, é fruto de um trabalho racional na tentativa de explicar, a partir das ferramentas mentais de um determinado período histórico, o problema do mal e sua natureza.

Assim, destacamos as principais matrizes da representação do mal no mundo ocidental, ou seja, o diabo do cristianismo. Desse modo, a ênfase do artigo foi trabalhar, assim como os trabalhos bibliográficos revisados, as religiões que contribuíram para a construção da face do diabo contemporâneo. Portanto, o Zoroastrismo, Judaísmo e Cristianismo foram as religiões que mais contribuíram para o nascimento do diabo e, nos trabalhos revisados, são os temas debatidos com mais frequência. Esse debate gira em torno da influência que cada religião anteriormente citada exerceu no imaginário ocidental em relação às origens, poder e, principalmente, seu papel dentro da religião cristã.

Outro ponto que identificamos nos nossos estudos é que a figura do diabo passou por diversas metamorfoses e, muitos, inclusive, fora do contexto religioso, como é o caso da transformação que ocorreu entre os séculos XVIII – XIX. Nesse período, o movimento literário do romantismo adotou a figura do diabo como uma tragédia literária, uma metáfora para uma liberdade transgressora.

Assim, sai de cena o diabo grotesco do período medieval e entra, em seu lugar, a figura do anjo que buscou iluminação e foi injustamente castigado. Essa é uma das principais

metamorfoses abordadas em trabalhos acadêmicos, principalmente porque representa a transição do período medieval para moderno, porém, essa não foi a última transformação por qual o diabo passou, pois à medida que o contexto contemporâneo continua a mudar, o diabo continuará a ter seu papel ressignificado no mundo ocidental. Assim, podemos concluir que os trabalhos acadêmicos, ao tentarem construir uma narrativa linear sobre o diabo cristão, acabam mostrando suas múltiplas faces.

Referências

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **As metamorfoses do diabo: a secularização do mito e sua apropriação pela indústria cultural no século XX**. 2008. 148 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

FERRAZ, Selma. O bruxo do cosme velho decretou a morte do Diabo. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 4, n. 1, p. 02-26, jan./mar. 2010.

GONÇALVES, Gleice Marques. **A face do mal: A personificação do diabo nas bibliografias de Santo Antônio e Santo Pácomio**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

GANSOHR, Matheus. **O símbolo do diabo na música heavy metal: uma análise a partir do disco reign in blood do slayer**. 2010. 46 f. Monografia (Bacharel em Psicologia) – Departamento de Ciências Humanas e da Saúde, Universidade de Salvador – UNIFACS, Salvador, 2010.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru, SP: Editora Edusc, 2000.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

_____, Carolina Rocha. *O sabá do sertão: feitiçeras, demônios e jesuítas no Piauí colonial*. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2013.

SOUZA, Laura de Mello E. *Inferno atlântico: demonologia e colonização séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

Recebido em: 03 de abril de 2019.

Aprovado em: 07 de junho de 2019.